



## Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos



### Espiritualidade Beneditina

Abade Primaz Gregory J. Polan, OSB

Na Regra de São Bento, o abade é descrito como um mestre e pai espiritual que preside à vida de uma comunidade; Bento descreve o mosteiro como uma “escola de serviço do Senhor” onde é guiado a viver o mistério pascal (RB, Prol. 45, 50). Um dos elementos que norteia a comunidade encontra-se no início desta velha Regra de 1.500 anos, no capítulo 3, que se intitula “Convocação da Comunidade para o Conselho”. Para Bento, era claro que decisões substanciais e importantes deveriam ser tomadas pela comunidade como um todo. Gostaríamos de verificar como o texto deste capítulo da Regra de São Bento indica perspectivas significativas do procedimento sinodal na tradição monástica e enraizadas nos textos da Sagrada Escritura. Este capítulo centra-se num processo sinodal de decisão; de notar que outras partes da Regra também fazem eco do ensinamento do capítulo 3.

Na frase de abertura do Capítulo 3<sup>1</sup>, Bento explica que quando algo de importante para a vida e o bem-estar da comunidade é considerado, toda a comunidade deve ser convocada. Juntos, como um grupo, compreenderão melhor o que está em jogo e, portanto, procederão com sabedoria e prudência.

Bento sugere naquele versículo inicial que a questão seja explicada pelo abade. À primeira vista, isto pode parecer prejudicial; mas poder haver uma verdadeira prudência nisto. Ouvir o líder da comunidade enquanto ele explica o assunto resulta em várias coisas. Espera-se que ele tenha alguma compreensão das questões, uma visão mais ampla das implicações em questão e um possível modo de proceder; uma forma que poderia ser criticada pela comunidade em geral. Também serve o propósito de conhecer a mente do líder, o motivo pelos quais os pensamentos são formados dessa forma, e fornece uma possível visão de como as coisas estão a progredir. Pode ser útil saber o que o líder pensa. Então, há uma certa liberdade na presença de todos que deriva da partilha honesta de como o outro vê uma solução alternativa para resolver o problema; por outras palavras – o superior não poderá ter uma agenda oculta sendo o último a falar. Todos sabem de que lado está desde o início.

Notamos que este versículo inicial fala de questões importantes que devem ser apresentadas a todos; depois, no v. 12,<sup>2</sup> o texto escreve sobre assuntos menos importantes que são geridos por um grupo de anciãos, provavelmente uma referência a um conselho eleito da comunidade. Menciono isso no contexto das situações atuais onde todos podem sentir o dever de estar ao corrente de tudo. Frequentemente, o resultado disto é que pouco ou nada é alcançado; ou, pior ainda, cria-se uma situação caótica. Além do respeito, a comunidade deve

<sup>1</sup> Regra, 3.1: “Todas as vezes que deverem ser feitas coisas importantes no mosteiro, convoque o Abade toda a comunidade e diga ele próprio de que se trata.”

<sup>2</sup> Regra, 3.12: “Se, porém, for preciso fazer alguma coisa de menor importância dentre os negócios do mosteiro, use o Abade somente do conselho dos mais velhos,”

ter um certo nível de confiança e segurança no grupo eleito ou escolhido, para que este grupo possa tomar decisões, principalmente quando se trata de assuntos de menor importância.

Lendo este texto, podemos perceber o que Bento dá por certo sobre ouvir e falar. Em relação à escuta, existem tantas palavras na nossa cultura que, às vezes, podemos ouvir a pessoa que fala, mas não escutamos o que está a ser dito. Para São Bento, a escuta é a chave tanto para o nosso crescimento espiritual, como para o bem-estar da vida em comum. Quando São Bento nos aconselha a “escutar com o ouvido do coração” (RB, Pro. 1), oferece-nos uma bela imagem para refletirmos no contexto do discernimento sinodal. Escutar com o ouvido do coração é muito semelhante à *lectio divina*, onde tomamos uma palavra de Deus. Se abraçarmos esta prática de escuta na leitura das Escrituras, tornar-se-á no nosso modo de ouvir nos outros contextos da nossa vida. Quando alguém vem até nós para discernir algo de importante na sua vida, ouvimos com extraordinária receptividade porque acreditamos que podemos ajudá-la verdadeiramente. É muito desafiador adotar essa postura de escuta com o ouvido do nosso coração, mas ela realiza duas coisas: primeiro, permite-nos escutar com uma profundidade que dá origem a perguntas do íntimo; e, segundo, permite-nos respeitar tanto a pessoa, quanto a mensagem que está a ser comunicada. Bento desenvolve isto como um elemento da doutrina espiritual tanto no Capítulo 4 da Regra (intitulado “Os Instrumentos das Boas Obras”) e depois novamente no Capítulo 6 (intitulado “A Moderação da Fala” ou “A Importância do Silêncio”). No capítulo 4, Bento escreve: “Guardar a sua boca da palavra má ou perversa, não gostar de falar muito” (RB 4: 51-52). Ouvir com o ouvido do coração é como uma nobre virtude para o encontro sinodal.

No capítulo 3 da Regra, que trata da convocação da comunidade para dar conselhos sobre assuntos importantes, depois de ter aconselhado o abade a ouvir os conselhos de cada um, São Bento aconselha os próprios monges a expressarem a “o seu conselho com toda a submissão da humildade e não ousem defender arrogantemente o seu parecer” (RB 3,4). Todo o capítulo 7 da Regra (70 versos) é dedicado à humildade. A humildade é, portanto, considerada um elemento intrínseco da doutrina espiritual de Bento. Só neste capítulo, que sublinha a importância da humildade, Bento cita as Escrituras 42 vezes. Aqui vemos uma importante ligação entre a humildade e a nossa disponibilidade para ouvir com um coração aberto e obediente, porque é neste contexto que Deus manifesta a sua vontade. O processo sinodal requer abertura ao que pode ser revelado como a vontade de Deus numa situação particular. Como se manifesta a vontade de Deus? As Escrituras dizem-nos que “[Deus] guia os humildes na justiça e dá-lhes a conhecer o seu caminho.” (Sal 25: 9) A humildade tem o potencial de preparar o caminho para o juízo justo em questões que exigem uma solução. O livro dos Provérbios ensina: “Onde há soberba, há ignomínia, mas onde há humildade há também sabedoria” (11,2). Certamente, o processo sinodal procura tomar decisões de modo que sejam tocadas pela sabedoria de todos os participantes, que trazem consigo as suas experiências de vida acumuladas, juízo pessoal e sabedoria praticada.

Mais uma vez, no capítulo 3 da Regra, ao assinalar quem deve ser consultado, Bento menciona especialmente os jovens “porque muitas vezes é aos mais novos que o Senhor revela o que é melhor” (RB: 3.3) Numa sociedade que dava precedência às vozes dos mais velhos, esta ordem escrita constitui uma novidade beneditina na compreensão do discernimento comunitário. Em 1 Samuel, lemos sobre o chamamento de Samuel na sua juventude para o ministério profético. Imediatamente após esse relato, o texto diz que “Samuel ia crescendo, o Senhor estava com ele e cumpria à letra todas as suas predições.” (1 Sam 3:19). Nesta exposição, vemos que um jovem é chamado a revelar a vontade de Deus ao seu mentor, Eli, que havia perdido o favor de Deus devido à sua desobediência e dos seus filhos. Muitas vezes acontece que os jovens têm uma visão que move os mais velhos para além da sua posição atual, permitindo-lhes ver as situações

contemporâneas com novas perspectivas e intuições. Num Sínodo, o papel dos jovens poderia ser estendido também aos que estão na periferia, ou seja, aos pobres, aos excluídos e àqueles cuja opinião difere da maioria.

Bento esclarece que a obediência exigida à comunidade é também, de alguma forma, exigida ao abade: “Mas, assim como convém aos discípulos obedecer ao mestre, também a este convém dispor todas as coisas com prudência e justiça.” (RB 3: 6). Pode acontecer que alguém do nosso tempo leia a regra de São Bento e conclua que o abade tem mais poder do que aquilo que deveria ser concedido a um ser humano. No entanto, este breve texto mostra que Bento responsabiliza o abade por todas as decisões que são apresentadas à comunidade. Ao fazer o possível para ouvir, o líder comunitário é responsável pelas suas decisões não só para com a comunidade, mas também perante Deus. No processo sinodal isto pode assumir diferentes expressões. Seguramente o Papa é responsável perante a Igreja e também perante Deus, mas também o são todos aqueles que lideram as comissões quando discutem problemas e tomam decisões. Isto representa um desafio significativo para aqueles que têm a responsabilidade de guiar o discernimento eclesial. Por um lado, estes líderes devem pesar o que acreditam ser o melhor em relação àquilo que outros acreditam ser o melhor (juntamente com o que é possível, a probabilidade de que a decisão x ou y irá beneficiar o bem de todos). Por outro lado, devem também discernir a vontade de Deus, o que raramente é fácil, pois os Evangelhos nem sempre falam de forma clara e direta dos temas contemporâneos. A responsabilidade do líder perante Deus, o juiz justo e misericordioso, pode ser uma experiência pessoal incompreensível e até assustadora.

Para concluir com alguns pontos de conselho sinodal da Regra e da espiritualidade beneditina, gostaríamos de fazer as seguintes observações.

1. A prática de ouvir “com o ouvido do coração” abre um caminho para realizar um autêntico discernimento da vontade de Deus. Embora esse discernimento esteja certamente enraizado nas Escrituras, também leva em consideração a comunicação de Deus em, e através, de si mesmos e nos outros (pelo menos quando todos nós meditamos e ouvimos com fé).
2. Bento em uma atitude inclusiva, convidando toda a comunidade (especialmente os jovens) a participar no processo de discernimento. Esta participação ativa, realizada com humildade, está enraizada na percepção de todos os membros da comunidade como recipientes de sabedoria, verdade e boa vontade.
3. No contexto de uma discussão ao nível comunitário, em algum ponto será necessário que uma pessoa ou pequeno conselho veja e determine o caminho a seguir. As pessoas envolvidas no processo devem estar dispostas, na fé, a mostrar humilde obediência, aceitando o resultado do processo da forma mais autêntica possível. Assuntos de menor importância devem ser confiados a um grupo menor, cuja sabedoria deve ser respeitada.
4. Dentro do processo sinodal e na crença de que Deus fala através de cada um, especialmente através daqueles que menos esperamos, pode-se esperar que o coração se mova para a mudança.
5. Embora muitas vozes, opiniões e sugestões sejam ouvidas num processo sinodal, o desafio é discernir onde a sabedoria, a visão pastoral e o bem de todos são servidos.

As palavras finais do capítulo 3 da Regra são concluídas com uma citação das Escrituras. Para Bento, a palavra de Deus era o ápice da sabedoria, e ainda hoje nos fala bem alto: “Faz tudo com conselho e depois não te arrependers” (Sir 32,24 [16]).